

12-2018

A Versatilidade Dum Método Crítico: As Minhas Andanças Com A Teoría dos Polisistemas

Thomas Harrington
Trinity College, Hartford Connecticut

A versatilidade de um método crítico: as minhas andanças com a Teoria dos Polissistemas

Thomas S Harrington *

Se há um imperativo muito claro no corpo de teoria desenvolvido pelo poliglota israelita, é a necessidade visualizar a cultura não como a soma das coleções institucionalmente consagradas de objetos ornamentais — como tanto tem sido o caso desde a fundação da universidade contemporânea ao final do século dezenove na Europa —, mas em termos de uma gama ampla de matérias socialmente potentes, arranjadas numa série infinita de redes dinâmicas e interconectadas. Esta ênfase sobre o dinamismo e a interatividade constante dos repertórios de cultura leva implícito, pelo menos em minha opinião, uma exigência para fomentar um grão cada vez mais alto de dialogo entre a gente que trabalha dentro deste marco analítico, sobre todo entre as pessoas de distintas ópticas regionais e nacionais, e também, gente de distintas procedências disciplinares. Vistas nesta perspectiva, reuniões como a que estamos celebrando aqui são muito importantes. E por isso, repito, que estou muito contente de estar aqui e de poder ouvir falar das múltiplas maneiras em que a Teoria dos Polissistemas tem melhorado o nosso entendimento das realidades, sempre complexas, das culturas ao nosso redor.

Cada corpo de pensamento crítico possui uma procedência histórica, um lugar no espaço e no tempo, um contexto se queres, que o fiz possível e/o necessário. Se falássemos das realidades e as influencias que contribuíram ao desenvolvimento da Teoria dos Polissistemas teríamos de falar—além do fato crucial que o autor presenciou ao vivo a construção da cultura hebraica contemporânea—do formalismo russo, o surgir da literatura comparada, e o nascimento dos Estudos da Tradução, especialmente a sua escola belga e sua escola de Tel Aviv da qual era um membro fundador. Mas na ultima década e meia o ideário de Even-Zohar tem começado a ultrapassar os espaços geográficos e institucionais ocupados por estas outras correntes intelectuais. Um fator importante é sem duvida o uso muito hábil, por parte do estudioso israelita, das novas possibilidades comunicativas oferecidas pelo internet. Nas nossas conversas ele tem falado com muita convicção sobre o papel cada vez menos relevante e construtivo das instituições tradicionais de canonização académica numa época de comunicações globais instantâneos.

Mas não creio, ao final, que esta decisão de delimitar o poder dos guardiões académicos habituais e de distribuir a suas ideias, em efeito, por atacado através do internet, seja o factor mais importante na expansão rápida do interesse na Teoria dos Polissistemas nos últimos anos. Julgo que a chave do sucesso crescente das suas aproximações críticas reside no facto que num mundo onde uma superabundância de informação nas mãos das elites se utiliza cada vez mais como uma arma de desorientação, o seu marco de análise nos remete de forma muito clara ás grandes questões do poder social, e talvez mais importante, exige que descubramos, e logo descrevamos com exatidão, as técnicas utilizadas pelas mesmas elites de fazer-nos ver certas realidades de fazer-nos “desver” muitíssimas outras.

Com o tempo que me resta gostaria, com a sua indulgência, relatar um pouco sobre a minha relação com o pensamento polissistemático. Longe de querer apresentar esta trajetória como exemplar ou como especialmente inovadora, a minha intenção é simplesmente dar uma pequena mostra de como uma forma de pensar, ideada por uma pessoa, dum lado, excepcionalmente curiosa e desrespeitosa das formas tradicionais de pensar, e do outro lado, extremamente rigorosa e disciplinada, pode mudar profundamente os processos cognitivos doutra pessoa e induzir a criação de uma consciência muito mais

aguda e nítida dos processos sociais que tanto influíram na nossa percepção do passado e também na nossa percepção da realidade social do presente.

Há vinte três anos, eu estava vivendo e trabalhando em Santiago de Compostela, capital da comunidade autónoma de Galiza no noroeste de Espanha, quando a minha vida cruzou com a de Itamar Even-Zohar. A razão oficial pela minha presença neste lugar remoto, conhecido como *finisterre* durante a época medieval, era para servir como leitor de inglês na histórica universidade do lugar. A razão não oficial era acabar na maneira mais rápida possível a minha tese doutoral sobre a relação entre a literatura e a criação das identidades nacionais na Península Ibérica na primeira parte do século vinte. Tinha uma filha de um ano e não podia pensar em conseguir um bom emprego académico nos Estados Unidos sem ter o certificado do doutoramento na mão.

Tinha chegado a Santiago desde o programa de Estudos Hispânicos da Brown University, que naquele tempo era numero uno nos *rankings* para esta disciplina no meu país. E como tantas vezes é o caso nos programas académicos supostamente superiores, o departamento estava profundamente namorado das suas próprias ideias, e as formas tradicionais de fazer as coisas. Quando propus fazer uma tese sobre o que estava chamando os “ensaios catequéticos da identidade nacional” produzidos por escritores ibéricos desejosos não tanto da glória literária canónica como a possibilidade de influenciar as realidades sociais e políticos do seu momento histórico, produziram-se grandes distúrbios no Sinédrio do departamento. Sem uma defesa muito vigorosa dos meus pelo meu diretor de tese dos meus métodos trans-disciplinares, a minha carreira teria terminado antes de começar. Com esta afirmação não exatamente entusiasta da minha visão analítica, embarquei para Espanha.

Em Santiago as coisas iam muito bem ao nível da vida quotidiana. Mas descobri rapidamente que as barreiras disciplinares ali eram, se possível, ainda mais rígidas que nos Estados Unidos. Nas ocasiões quando falei do meu projeto com os colegas galegos, me olhavam com estranheza e me diziam firmemente que a minha escolha de departamento estava errada. Para eles, o que tentava explicar formava parte da história ou a ciência política. Onde o estudo definitivamente não podia caber, segundo eles, estava dentro da instituição da filologia preocupada principalmente com os fenómenos estéticos.

Assim eram as coisas até uma noite muito chuvosa de maio de 1993 quando vi que alguém estava a ponto de falar sobre o tema de “O papel da literatura na criação das nações da Europa” no paraninfo da minha faculdade. Foi ali. E fiquei tão impressionado com as ideias do estudioso em questão, que se chamava Itamar Even-Zohar, que saltei da cadeira ao final da palestra e me apresentei. Falei-lhe do meu projeto, e para a minha grande surpresa insistiu que falássemos o dia depois. De fato, falamos longamente cada dia durante a sua residência de 10 dias na cidade.

Após das conversas e uma leitura muito cuidadosa da sua obra comecei a pensar que talvez, a minha rejeição instintiva de uma realidade onde a cultura textual estava dividida em uma série de cantões mutuamente exclusivos, e onde as questões do poder político, social e institucional só entravam nos debates sobre o valor destes artefatos culturais de forma muito oblíqua não era, como tanto tinha temido, uma indicação da minha inadaptação profissional terminal, mas possivelmente o ponto de partida para um engajamento muito mais útil e satisfatório com os meus objetos de estudo.

O que me deu a Teoria dos Polissistemas foi um marco, por uma parte, muito abrangente, e por outra, muito dado ao análise detalhado de casos concretos. A sua enorme versatilidade provém dum numero de premissas simples. A primeira é a sua ênfase sobre a natureza construída de todos os artefatos culturais, incluindo as mais supostamente graníticas como, por exemplo, a nação. Esta suposição dirige o nosso olhar, por sua vez,

necessariamente na direção do grande leque de processos da elaboração da cultura, e de ali, as instituições e pessoas—incluindo os mesmos acadêmicos—que os desenvolvem. A segunda, ao qual me referi ao princípio desta conversa, é a crença que cada campo cultural, para utilizar o termo de Bourdieu, e sempre marcado por um nível muito perceptível de dinamismo interior, isso é, por uma série constante de lutas entre empresários individuais da cultura, e provavelmente mais importante, entre os repertórios criados por eles desenhados para gerar as percepções e os valores da grande massa da gente. A terceira, fruto sem dúvida do seu engajamento fundacional com os estudos da tradução, é a presunção da existência de transferências inter-repertoriais e inter-sistêmicos constantes tanto no eixo sincrónico como o eixo diacrónico do Polissistema.

Em resumo, as teorias de Even-Zohar sugerem que a tarefa de compreender qualquer artefato cultural—e eu adicionaria como elemento chave desta categoria de coisas os movimentos ideológicos—é no fundo um processo relacional fundamentado, sobretudo, na análise dos vínculos frequentemente camuflados, mas muito perceptíveis se estamos dispostos a vê-los, entre os agentes de poder social e os produtores culturais num mesmo sistema, e também as relações que estas elites políticas e culturais mantêm com os seus homólogos em outras “províncias” do sistema de sistemas.

Começar a pensar desta maneira é como entrar num programa de desintoxicação observacional. A gente tem um a capacidade quase inata para teorizar sobre as origens dos produtos culturais no seu redor. Entretanto, depois de submeter-se as durante ao sistema muito desenvolvido de “planificação cultural”—um termo essencial na obra de Even-Zohar—da sociedade—especialmente os ritos nos âmbitos supostamente transcendentais da família, a religião ou a nação—as pessoas começam a desconfiar destas mesmas intuições, o que é, claro, precisamente a meta destes regimes de poder, isso é, gerar, em termos do mesmo Even-Zohar, um estado de “prontidão” ou “propensão” na massa da gente diante das propostas da minoria poderosa.

Na mesma maneira que um jovem que nunca teve a experiência de presenciar o que é a agricultura o a criação de gado pode chegar a pensar na comida como uma coisa que nasce talhada e envolvida em plástico, um estudante treinado num ambiente dominado pelos paradigmas dominantes das velhas filologias estaduais—que são mais presentes do que as vezes gostamos de pensar—pode crer que a produção literária, e também todos os seus derivados mediáticos atuais, são questões esmagadoramente relacionadas á genialidade do criador individual, e, por isso, geralmente pouco relacionada á indecorosidade do poder e da política.

Além de reivindicar os meus conceitos do “pedagogo nacionalista” e dos “ensaios catequéticos da identidade nacional”, o método de analisar as manifestações textuais da cultura proposto por Even-Zohar, não tardou em brindar-me outras surpresas.

No momento de entrar em contato com a Teoria dos Polissistemas, estava trabalhando sobre as origens textuais do nacionalismo do galego, e de forma mais concreta, as contribuições do primeiro ideólogo importante do movimento, Vicente Risco. Um dos tropos mais persistentes da bibliografia existente sobre a sua obra era o mistério da sua “conversão” repentina ao “galeguismo” durante o Natal de 1917. Como indica a descrição utilizada para falar desta transformação—a sua “conversão”—e a data—muito cerca do Natal, a explicação estava repleta sugestões religiosas. O que não entrava nesta narrativa, o melhor dito, o que só entrava nela em relação à época depois de o verão de 1920, isso é, depois da data quando geralmente se marca a consolidação social do movimento, foram as relações pessoais de Risco com o principal pedagogo do nacionalismo português do momento, e o propulsor do saudosismo, tropos por excelência do nacionalismo luso contemporâneo, Teixeira de Pascoaes. Eu tinha estudado muito recentemente o corpo de

doutrina nacionalista produzida nos anos justamente anteriores pelo poeta português, e notava grandíssimas semelhanças entre a suas ideias e as do galego Vicente Risco.

Consciente agora da ubiquidade do fenômeno da interferência literária postulado por Even-Zohar, comecei a rastrear os arquivos para provas das comunicações entre os dois homens antes da data fatídica mencionada arriba. Descobri rapidamente uma versão publicada da correspondência entre os dois homens publicada por uma estudiosa galega. A primeira carta desta escolha datava de finais de julho de 1920. Mas quando por fim pude ir a biblioteca pessoal de Pascoaes três cartas mais do começo do ano, numa das quais Risco admite, não sem certo tono de vergonha, que tinha copiado os conceitos centrais do seu próprio catecismo nacionalista de Pascoaes.

O descobrimento encandilou a minha imaginação. Quantos casos mais havia nos credos nacionalistas, isso é de nas constatações putativamente únicas e estáveis de uma coletividade, que tinham sido confeccionados numa maneira semelhante? E até que ponto somos nós, os trabalhadores académicos, com o nosso treinamento baseados geralmente num conceito estático e uni-nacional dos sistemas comunicativos parte da maquinaria de ofuscação destas realidades tão potencialmente cruciais?

Durante os próximos anos desenvolvi um ciclo de pesquisas centrado no trafego de textos, modelos textuais, e tropos ideológicos entre os cinco principais sistemas literários da Península Ibérica. Não vou aborrecê-los com os detalhes exceto para dizer que este “comércio cultural”, como cheguei a denominá-lo, se provou muito mais extenso e socialmente consequencial que se imaginara. Os grandes pedagogos da nação na Península Ibérica, oficialmente competidores entre si não só se comunicavam bastante entre eles, mas roubavam ideias o um do outro. Ao estudar estes vínculos intra-peninsulares, tropecei com uma rede muita extensa de intercâmbios entre os intelectuais ibéricos, sobre todos os portugueses e os catalães com os intelectuais do que tem chegado a chamar as “nações existencialmente precárias”—no sentido de ter inventários relativamente exíguos de matérias culturais canonizados— da Europa, países como Irlanda, Polónia, Bélgica, Checoslováquia e Arménia.

Nesta linha de pesquisas, estudei o caso curioso um intelectual checo chegou a ter grandes relações com o poeta nacionalista português já mencionado, Teixeira de Pascoaes, graças aos contatos que tinham os dois com o mundo intelectual catalão, coisa que resultou na inclusão de uma obra de Pascoaes, um bom poeta, mas nada de outro mundo, numa coleção da Academia Tcheca de Ciências e Letras, dedicada aos melhores poetas na história do mundo! Um fenômeno parecido de ação preferencial para os irmãos das nações existencialmente precárias foi a inclusão na série de cinquenta-quatro volumes de “Las mejores poesías (líricas) de los mejores poetas” publicado em Barcelona ao principio dos anos vinte de um poeta arménio de quem ninguém fala hoje, Hrand Nazariantz, ou o igualmente esquecido poeta catalão—inclusive naquele momento—Salvador Albert ao lado de nomes com Dante, Shakespeare, Goethe, Horácio e Byron. O que destacam estes casos e muitos outros parecidos é no só a importância de ser muito mais atentos á existência do comercio cultural entre os sistemas literários na periferia do polissistema, mas também o peso enorme de considerações extraliterárias, e muitas vezes grosseiramente políticas, nos processos que determinam a chamada “qualidade estética” de um autor.

No curso das minhas pesquisas sobre o comércio cultural intra-ibérico encontrei uma figura chamado Joan Torrendell, nascido na Maiorca, que foi muito importante no sistema literário catalão na primeira década do século vinte mas que tinha desaparecido sem deixar rasto nos anais da história literária do país. Um dia aproveitei da presença num congresso dum dos, mas grandes expertos da literatura catalã contemporânea para perguntar se sabia alguma coisa sobre o este Torrendell. Com grande segurança, me

respondeu que era uma “figura menor, sem importância que desapareceu do mapa literário ao emigrar poucos anos depois à Argentina”. Fim da história, claro. Mas por alguma razão persisti nos meus esforços para saber mais sobre esta personagem. Depois de muita investigação descobri que chegou a ser, entre muitíssimas outras coisas, um dos críticos literários mais importantes da Argentina na primeira parte do século vinte e o fundador dum dos editoriais mais importantes da América do Sul na mesma época.

O ponto aqui não é jactar-me do meu pequeno descobrimento, mas fazer-nos reflexionar sobre a tendência das filologias nacionais e das instituições da história nacionais, com as suas conceptualizações essencialmente estáticas e herméticas da cultura de querer ver somente as coisas que cabem dentro do enquadramento conceitual já estabelecido da sua coletividade. Quantas vidas extraordinárias mais como a de Torrendell tem sido esquartejadas desta forma? Depois da minha experiência com o autor maiorquino-catalão-espanhol-uruguaio-argentino, -- se exerceu baixo todas estas identidades -- “menor e sem importância” comecei a buscar exemplos.

E encontrei muitíssimos, talvez o caso mais flagrante deles sendo, se nos permitimos falar da produção cultural nas artes plásticas, o do grande pintor Torres Garcia. Se a gente vai ao Uruguai, e seguramente muitos de vocês já o fizeram, é impossível não perceber a posição totémica que ocupa no sistema cultural do país. Mas o que geralmente no sai, o se sai se apresenta como uma coisa sem importância é fato que o pintor se formou quase inteiramente como pintor em Catalunha onde passou vinte anos da sua vida, desde os dezessete anos até os quarenta e seis. E não só se formou no sistema artístico-cultural catalão, senão chegou a ser um dos expoentes mais importantes do seu movimento artístico nacionalista por excelência, o *noucentisme*. Por a sua parte, o *establishment* cultural catalão apenas fala do fato que é considerado pelos uruguaioes como o artista mais importante da história dos seus países.

Graças aos minhas pesquisas sobre Joan Torrendell, comecei realizar a enorme importância potencial das interações entre os emigrados da periferia do estado espanhol— os galegos, os vascos e os catalães forneceram a maior parte dos imigrantes “espanhóis” que chegaram às Américas na época contemporânea—, e os movimentos insurgentes de identidade nacional nas suas terras de nascimento. Fez-se rapidamente patente que para estes movimentos na Península, Cuba, Argentina e Uruguai não eram apenas bases financeiras muito importantes, mas também verdadeiras incubadoras de novos artefatos culturais e de repertórios ideológicos. Pouca gente o sabe, mas o esforço de publicar o primeiro dicionário contemporâneo da língua galega começou na Havana e eram dinheiros dos galegos da Cuba que eventualmente fez possível a sua publicação. Ali também foi escrito e cantado por primeira vez o hino nacional galego. E ali também, os irmãos Villar Ponte, trabalhando como jornalistas na capital cubana fizeram a transição crucial desde uma postura regionalista em relação com o estado espanhol até uma postura francamente nacionalista.

As contribuições das comunidades catalães da ilha a criação do repertório da cultura nacional da sua nação na península não eram menores. Ali foi criado a “estelada” isso é a bandeira independentista catalã, que é basicamente um a copia com cores distintas da bandeira da nova República Cubana. E ali foi escrito, por o emigrado nacionalista Josep Conangla, e logo aprovado por o famoso líder catalão Macia no ano 1928, a primeira constituição democrática e independente para o Catalunha.

Eventualmente as minhas explorações destes inter-sistemas no âmbito cubano me levaram a questão da atuação dos vários grupos espanhóis não castelhanos, nas outras sociedades americanas. Neste ciclo de pesquisas a minha ideia original era explorar o espaço nacional uruguaio, concentrando-me, sobretudo, na performance ali dos bascos e os

galegos, os grupos que tinham gerado a maior parte a bibliografia sobre o tema dos espanhóis no Uruguai. Mas ao chegar ao país e, pouco depois, ao começar a explorar de forma mais nítida a sua história cultural e política, encontrei uma carga francamente enorme de figuras catalãs, sobretudo nas capas mais económica e culturalmente influentes da sociedade. Por exemplo, a família política mais importante do país (os Batlle), o artista mais importante do país (o já mencionado Torres Garcia) a artista dramática mais importante na história do país, (Margarida Xirgu) o ensaísta mais influente (Rodó) uma parte muito substancial dos arquitetos e médicos mais destacados dos finais do século dezanove e o começo do século XX são ou catalães, ou de uma ascendência catalã direita. E isso e sem mencionar o seu papel muito sobredimensionado de pessoas da mesma linhagem na construção das instituições educativas e financeiras do país.

Mas a diferencia dos discursos sobre as contribuições dos galegos e dos bascos à construção do país, não havia nenhum estudo monográfico sobre os catalães do Uruguai. Por quê? Sem entrar em todos os pormenores, é outro caso do dos grandes efeitos de distorção que as historiografias nacionais—tanto do lado espanhol como o lado uruguaio—podem exercer sobre o nosso entendimento do passado. Para a gente minimamente familiarizada com a história Peninsular, não é surpreendente a cegueira mostrada pelos historiadores oficialistas espanhóis frente a este realidade.

Mas os cronistas uruguaio? Que explicação tem? Resulta que na luta para a independência do país, o enormemente poderoso núcleo mercantil catalã da cidade de Montevideo, se opuseram a Artigas, o homem que—apesar de não mostrar-se nunca a favor da criação de um Uruguai independente—será erigido ao final do século dezanove por a classe política e os seus empreendedores sócio-semióticos como o grande pai da nação, coisa que exigiu o desprestígio e/ou a supressão nos anais da história nacional dos que eram seus inimigos no momento da suposta fundação da nação por ele.

Com o tempo comecei nos últimos anos aplicar a visão crítica aprendida num primeiro lugar da Teoria dos Polisistemas, com o sua ênfase as no papel das elites na construção dos repertórios culturais que estruturam tantas das nossas ideias de que constitui—entre aspas—“a realidade social”, á análise da realidade cultural política e mediática do meu próprio país.

Muita gente hoje, particularmente na classe intelectual do meu país presume que a grande quantidade de informação disponível aos cidadãos no internet, terá o efeito de restringir cada vez mais a capacidade das elites de impor a suas narrativas mestras sobre as populações das nossas sociedades. Mas o que esta gente não tem realizado, e lamento dizer as elites financeiras e politicas sim muito claramente, são as enormes possibilidades de desorientação e de “deshistorização” que leva esta nova onda de informação no espaço publico. Eles entendem que poder impor a sua versão da realidade sobre a maioria da população, é só necessário estabelecer uma vantagem muita relativa de concentração de mensagem frente a cacofonia reinante. Dito doutra forma, num ambiente de grande liquidez informática um pouco de solidez revestido de autoridade, tem muita potência.

Num momento de candidez inesperado o chefe da equipe político de George Bush filho jactou-se abertamente a um jornalista em 2002 da capacidade da administração de criar realidades da nada que seriam acreditados pela grande maioria de gente. Um dos arquitetos principais da política exterior do mesmo Bush falou em outro momento de candidez inesperado dos debates que mantiveram na administração sobre qual era o melhor pretexto para vender a invasão criminal do Iraque ao público norte-americano.

No momento da histeria em prol daquela guerra eu estava dizendo a tudo o mundo com uma segurança para muitos muçulmanos que não só não existiam armas de destruição massiva no país de Saddam, mas que o plano dos EUA era a desmembração do Iraque e

vários outros países ao seu redor. Era por que sou mais inteligente que os outros? Obviamente não. Eu que simplesmente feia era “desouvir” os discursos gerados pelo público para fazer uma análise estrutural das pessoas que controlavam a política exterior da administração. Era fácil ver que as pessoas em todas as posições de importância eram Neo-Cons—isso é, pessoas para quem Israel, e o velho plano do sionismo revisionista de reduzir os países no redor do estado judeu a uma série de cantões basicamente indefensíveis—ocupavam o centro do sua equipe estratégica.

A mesma coisa ocorreu com Obama. Em vez de focar na sua condição de homem de ascendência africana, e tudo que isto supostamente implicava em termos dos seus instintos progressistas, ou seus discursos tão sedutores escritos por profissionais do marketing, fiz pesquisas sobre as pessoas que tinham feito possível a sua aparência tão inesperada na cena política. O exame fez imediatamente claro, já em o nosso verão de 2008, que a sua presidência não levaria a absolutamente nenhuma das transformações nem da vida doméstica americana ou da política exterior do país. A confirmação contundente disso veio com a nomeação de Rahm Emanuel como o seu chefe de gabinete no dia depois das eleições. Por que era tão significativa a sua nomeação? Primeiro, Emanuel era um membro integral do pequeno grupo de ultra-ricos de Chicago que tinham inventado Obama como figura pública. Segundo, Emanuel estava conhecido como o cobrador mais agressivo prolífico de fundos corporativistas no partido Democrata. E terceiro porque Emanuel era um cidadão americano-israelita, cujo pai tinha sido um guerrilheiro da Irgun na época da fundação de Israel, e que em uma entrevista falou abertamente sobre como durante a sua residência na Casa Branca, o seu filho serviria os interesses e desejos do governo do estado judeu, que como temos visto pesam enormemente na formação da política exterior de Washington.

Poderia continuar, mas corre o tempo. Tenho tentado relatar uns poucos dos muitos efeitos que tem tido o marco analítico criado por a teoria dos Polissistemas sobre o meu comportamento como estudante das culturas ibéricas, e nestes últimos anos como comentarista político no meu próprio país. Espero poder demonstrado, por uma parte, que esta forma de pensar, baseada no uso “ímpio” do pensamento relacional, nos impulsiona, por uma parte, a explorar muitas realidades culturais significantes que têm sido ignoradas por as formas mais tradicionais de análise cultural e, por outra, de ter indicado a sua aplicabilidade a uma grande variedade de fenômenos socioculturais.

* Thomas Harrington is Professor of Hispanic Studies at Trinity College in Hartford where he teaches courses on 20th and 21st Century Spanish Cultural History, Literature and Film. His areas of research include modern Iberian nationalist movements, the history of Iberianism, Polysystems theory, Contemporary Catalonia, and the history of migration between the peninsular “periphery” (especially Catalonia, but also Galicia, Portugal and the Basque Country) and the societies of the Caribbean and the Southern Cone. He is a two-time Fulbright Senior Research Scholar (Barcelona Spain and Montevideo, Uruguay) who also has lived and worked in Madrid, Lisbon and Santiago de Compostela. In addition to his work in Hispanic Studies, Harrington is a frequent commentator on political and cultural affairs in the US and abroad.